LEMAD História USP

Universidade de São Paulo
Pró-Reitoria de Graduação

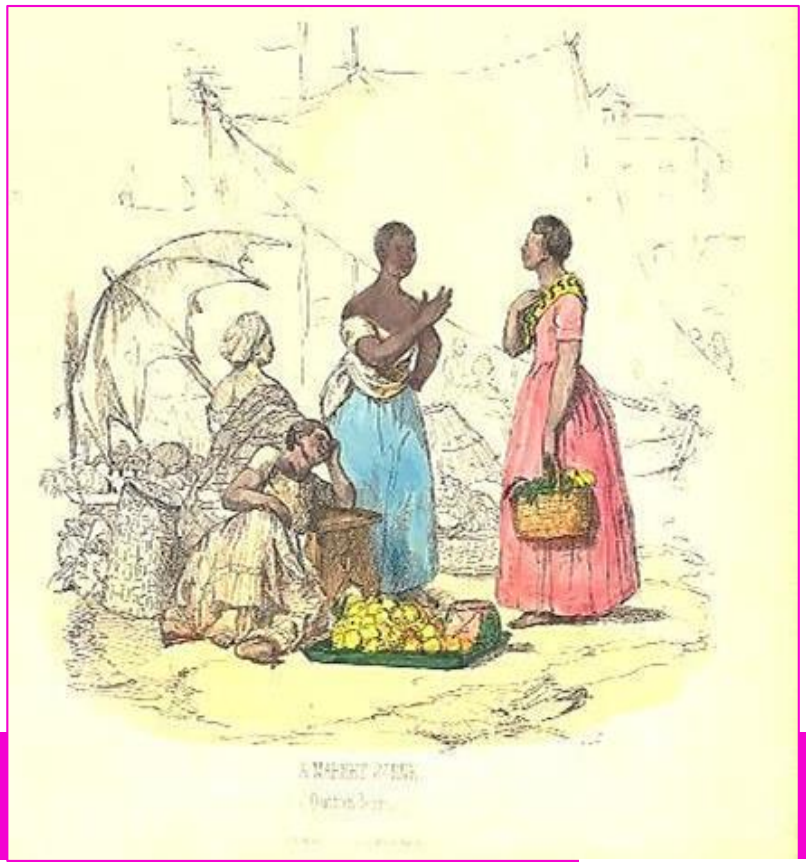
Edital PRG
Santander Universidades I 2

KITS DIDÁTICOS

DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Material Impresso e Digital

MULHERES NEGRAS: QUITANDEIRAS



Quitandeira (a market scene), 1845. Frederico Guilherme Briggs. 1813-1870. Acervo Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon70370/icon70370_23.html>. Acesso em: 16 set. 2019.

USP - Pró-Reitoria de Graduação
Santander Universidades / 2 - Edição 2015/2016

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO
Material Impresso e Digital

Coordenação:
Prof.ª Dr.ª Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitores Bolsistas da Licenciatura:
André de Pina Moreira
Victor Doutel Pastore

Alunos do Programa Unificado de Bolsas de Estudos:
Fernanda Bezerra Ferreira
Gustavo Alves Leme
Júlia de Macedo Rabahie

Funcionário Administrativo:
Marcos Antonio de Oliveira

Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD
Departamento de História – FFLCH – USP
2016 - 2017

QUITANDEIRAS

Documentos

1. “Na frente do palácio [do imperador]” e “Essa rua é muito animada...”. TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Tradução do original do francês Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2003, p. 74 e p. 80.

2. “Em S. Paulo não são encontrados negros…”. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo - Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, s/d, p. 180-181. Disponível em: < https://ia801407.us.archive.org/7/items/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft.pdf.>. Acesso em: 16 set. 2019.

3. *Escrava a caminho do mercado com galinhas* (A slave going to market with poultry). Rio de Janeiro, 1825, autor desconhecido. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: < http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon258062/icon258062.jpg > . Acesso em: 16 set. 2019.

4. *Vendedouras ambulantes*. H. Lewis. Pernambuco, 1848. álbum “Vistas e costumes de Pernambuco”. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393042i27/icon393042i27.jpg >. Acesso em: 16 set. 2019.

5. *Quitandeiras*. Rio de Janeiro, 1875. Marc Ferrez. Brasiliana Fotográfica. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2043>. Acesso em: 16 set. 2019.

QUITANDEIRAS

Documentos

6. *Vendedora ambulante*, 1875. Marc Ferrez. 1843-1923. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1450895/icon1450895.jpg>. Acesso em: 16 set. 2019.

7. Quitandeira da Bahia. Rafael Castro y Ordoñez (1834-1865). 1862. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon21044/icon1018507.jpg>. Acesso em: 16 set. 2019.

8. *Largo da Alfandega*. Luis Schlappriz. 1863-68. Cena de rua. Negros carregando mercadoria, sentados em banquinhos e negra vendedora. Senhores, casa da Alfândega. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon354215/icon354215.jpg>. Acesso em: 16 set. 2019.

9. "Uma das opiniões mais geralmente aceitas...". TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara, 2003, p. 156 e p. 157.

10. *CARTA do ouvidor-geral da capitania de Pernambuco* - Francisco Correia Pimentel, ao [D. João V], sobre a postura pela qual se proíbe que negros e negras vendam fazendas pelas ruas. Arquivo Histórico Ultramarino. 5180- 1744, setembro, 29, Pernambuco. AHU_ACL_CU_015, Cx. 60. D. 5180. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/376577>. Acesso em: 16 set. 2019.

11. *Termo de fiança*. Registro Geral da Câmara da cidade de São Paulo. 1710 – 1734. Vol. IV. São Paulo: Arquivo Municipal de S. Paulo / Tipografia Piratininga, 1917, p. 559 e p. 560. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015068500019;view=1up;seq=560>. Acesso em: 16 set. 2019.

QUITANDEIRAS

Documentos

12. *Negra com o filho*, Salvador, em 1884 . Marc Ferrez. Brasiliana Fotográfica. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2566>. Acesso em: 16 set. 2019.

13. *Negras vendedoras*. Aquarela Carlos Julião. Rio de Janeiro, 1776. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon30306/icon30306_066.jpg>. Acesso em 16 set. 2019.

14. *Quitandeira (a market scene)*, 1845. Frederico Guilherme Briggs. 1813-1870. Acervo Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon70370/icon70370_23.html>. Acesso em: 16 set. 2019.

15. *Quitandeiras da Lapa*, RJ, 1820. Henry Chamberlain (1796-1844). Aquarela. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Henry_Chamberlain_-_Quitandeiras_da_Lapa.jpg>. Acesso em: 16 set. 2019.

Para os glossários, utilizamos:

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto*, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/3 >. Acesso em: 16 set. 2019.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 16 set. 2019.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Nos séculos XVIII e XIX, muitos estrangeiros que estiveram no Brasil desenharam, fotografaram e escreveram sobre mulheres vendendo mercadorias nas ruas das cidades brasileiras. A francesa Adèle Toussaint-Samson, por exemplo, descreve a presença de "negras Minas", com trajes de tradição africana comercializando frutas e legumes no Rio de Janeiro. Já o francês Saint-Hilaire registrou, em suas apreciações como viajante, que em São Paulo havia a rua da Quitanda, onde mulheres negras comercializavam legumes e mercadorias de consumo imediato. Um artista desconhecido, em 1825, pintou uma mulher negra no Rio de Janeiro indo para o mercado vender galinhas. H. Lewis, um norte-americano, em 1848, representou em uma série de gravuras os costumes de Pernambuco, onde mulheres negras também aparecem como vendedoras ambulantes. Em 1875, Marc Ferrez fotografou diferentes mulheres negras com seus panos e caixotes expondo no chão das ruas cariocas suas mercadorias.

Das imagens e textos desses viajantes podemos deduzir que as mulheres que comercializavam nas ruas eram negras, mesmo sendo possível verificar que a circulação nos espaços públicos era predominantemente masculina, com exceção da presença das quitandeiras. Apesar das mulheres negras não terem um lugar destacado na historiografia brasileira, elas povoavam a vida urbana. Em uma cena de rua do Largo da Alfândega, no Rio de Janeiro, da metade do século XIX, apesar de representar grande movimento de pessoas, há unicamente uma mulher – a quitandeira.

A documentação de viajantes que aqui estudamos indica que as mulheres negras, algumas vezes autorizadas pelas municipalidades, vendiam frutas, legumes, galinhas, pão, rendas francesas, hortaliças, peixe, doces, bolos, bebidas… E que a rua era também seu espaço de sociabilidade, de trocas e de confrontos… Mas, nem sempre a população e os governantes desejavam que esse ofício fosse praticado por mulheres negras, quando havia o interesse na reserva de certas mercadorias para mascates brancos. Mesmo assim, contrariando o poder constituído, negras escravas, como as que circulavam em Recife do século XVIII, eram enviadas por suas senhoras brancas para mascatear nas ruas e estradas, pois, pelos costumes da época, elas, as senhoras, só podiam circular nos espaços considerados respeitáveis e adequados à sua posição social e de gênero – ou seja, no interior das casas.

Importantes para a vida nas cidades, essas moças e senhoras negras tinham expressas em suas vestimentas, ornamentos e posturas – modo de carregar as crianças, cestos e balaios –, uma longa história de tradições culturais africanas. Um exemplo evidente, na iconografia e nos textos, eram os tecidos importados da África (as "musselinas listadas") e no modo de usá-los, amarrados nas cinturas, segurando as crianças ou acomodando-os sobre os ombros.

LEMAD História USP

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

1. Leia o documento **1**. Do que trata?
2. Leia o documento **2**.
   a) Esse documento também fala sobre quitandeiras. Você sabe quem eram as quitandeiras?
   b) Como elas eram caracterizadas?
   c) Onde trabalhavam?
3. Observe o documento **3**.
   a) O que retrata?
   b) O que a paisagem conta a respeito do local?
   c) Como era a vestimenta da mulher?
   d) O que ela carregava?
4. Já vimos documentos sobre o Rio de Janeiro e São Paulo. O documento **4** é de Pernambuco. O que ele tem de semelhante e diferente com os anteriores?
5. Observe os documentos **5**, **6**, **7** e pense nos anteriores.
   a) Como eram as vestimentas dessas mulheres?
   b) Havia semelhanças?
   c) Em quais locais elas vendiam seus produtos?
   d) Que produtos eram esses?
6. As quitandeiras foram representadas de diversos modos. Compare os documentos **3** e **4** com os documentos **5**, **6** e **7**. Identifique os diferentes tipos de registros que temos delas.
7. Atualmente há muitos vendedores ambulantes nas ruas das cidades brasileiras. Através dos documentos analisados é perceptível que antigamente também existiam muitas pessoas com esse ofício, especialmente mulheres negras chamadas de quitandeiras. Elas vendiam frutas e legumes e também outros produtos como renda, peixe, leite e tabaco. Hoje em dia, o que os ambulantes vendem nas ruas? Há semelhanças com o que era vendido no século XIX?
8. Observe e descreva o documento **8**. Ele retrata uma cena de rua.
   a) Quantas mulheres foram retratadas? Quantos homens?
   b) Essas pessoas eram brancas ou negras?
   c) Repare que só havia uma mulher na rua, o que ela estava fazendo?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

9. Leia o documento **9**.
   a) Esse documento foi escrito por uma francesa que morou no Rio de Janeiro no século XIX. Ela fala da mulher brasileira. Mas, qual mulher brasileira?
   b) Quais os locais onde ela vivia seu cotidiano?
   c) Ela trabalhava? Fazia qual tipo de trabalho?
   d) Mas, por que ela se envergonhava do que fazia?
   e) Quem eram os negros e as negras citados pela autora?
   f) Qual a relação deles com a mulher brasileira mencionada?
10. Leia o documento **10**.
   a) Quem é o autor? Do que trata?
   b) Para quem ele foi destinado? O que a postura proibia? A quem ela era aplicada?
   c) Esse documento fala sobre uma regulamentação, em Pernambuco, que proibia o comércio de tecidos (na época chamados de *fazendas*) realizado por negras e negros. Por que essa postura foi criada?
11. Leia o documento **11**.
   a) Ele adota uma posição contrária ou similar ao anterior? Por quê?
   b) Qual era sua finalidade?
   c) De quem os documentos **10** e **11** tratam? Como os documentos caracterizam esses comerciantes?
12. Observe os documentos **12** e **13**. Em vários documentos há bebês.
   a) Como eles estão descritos ou retratados? Por que eles eram carregados desse modo?
   b) Hoje em dia, você já viu alguém carregando bebês de modo semelhante?
   c) que tipo de ações as mulheres que carregam os bebês estavam desempenhando?
   d) A personagem com bebê nas costas, do documento **13**, agrega diferentes funções de trabalho. Quais eram elas?
13. Observe os documentos **14** e **15**.
   a) O que essas pessoas estavam fazendo?
   b) Em que ambiente elas estavam?
   c) Quem eram essas pessoas? Que tipo de relações elas mantinham entre elas?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

14. Os vários documentos aqui apresentados descrevem o cotidiano de mulheres quitandeiras de antigamente. Escreva uma história/crônica a partir dos documentos analisados e de suas conclusões sobre o papel social que elas desempenhavam no Brasil do século XIX.

Documento 1

“Na frente do palácio [do imperador], encontra-se o Mercado, que é realmente um dos locais mais pitorescos da cidade. (...) Ao longo de toda a rua, nos degraus das igrejas ou à porta das lojas, estão acocoradas grandes negras Minas (os Minas são originários da província de Mina, na África ocidental), ornadas de seus mais belos enfeites; uma fina blusa, guarnecida de renda, mal esconde seu colo, e uma saia de musselina branca, com babados, posta sobre uma outra de cor vistosa, formam todo seu traje; elas têm os pés nus numa espécie de chinelas com saltos altos, chamadas tamancas, onde deve entrar apenas a ponta do pé; seu pescoço e seus braços estão carregados de colares de ouro, de fileiras de coral e de todo tipo de fragmentos de marfim e de dentes, uma espécie de manitus'? que, segundo elas, devem conjurar a má sorte; uma grande peça de musselina é enrolada duas ou três vezes em volta de sua cabeça em forma de turbante, e uma outra peça de pano raiado é lançada sobre seus ombros para as cobrir quando sentem frio ou para cingir suas costas quando carregam um filho (...) O que têm de pouco vulgar é o andar. Elas caminham de cabeça erguida, o busto muito saliente, a cintura arqueada, os braços em equilíbrio, sustentando sua carga de frutas, sempre colocada sobre a cabeça. Seus pés e suas mãos são pequenos, os pulsos e tornozelos são finos; têm a cintura bem feita e muito arqueada e seu andar, de passo desembaraçado, é sempre acompanhado de um movimento de quadris bem provocante, embora marcado por certa altivez, como o da espanhola. (...)”

“Na frente do palácio [do imperador]” e “Essa rua é muito animada...”. TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Tradução do original do francês Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2003, p. 74 e p. 80.

Documento 2

“Em S. Paulo não são encontrados negros a percorrer as ruas, como no Rio de Janeiro, transportando mercadorias sobre a cabeça. Os legumes e as mercadorias de consumo imediato são vendidos por negras que se mantêm acocoradas na rua, que, por motivo de tal comércio, tomou o nome de rua da Quitanda. Quanto aos comestíveis indispensáveis, tais como farinha, toucinho, arroz, milho, carne seca, os mercadores, que os vendem, estão, em sua maior parte, estabelecidos numa única rua denominada rua das Casinhas, porque, efetivamente, cada venda forma uma pequena casa isolada. Não é, evidentemente, nessas vendas, que se podem encontrar a limpeza e a ordem: são obscuras e enfumaçadas. O toucinho, os cereais, a carne estão atirados em promiscuidade, e não existe ainda, nem por sombra, aquela arte com que nossos mercadores de Paris sabem dar um aspecto agradável aos alimentos mais grosseiros. Não há em São Paulo rua mais frequentada do que a das Casinhas. A gente do campo ali vende suas mercadorias aos comerciantes em cujas mãos os consumidores vão adquiri-las. Durante o dia nota-se ali acúmulo de negros, de roceiros, de muares, de arrieiros; de noite a cena é outra: os animais de carga e os compradores cedem lugar a verdadeiras nuvens de prostitutas de baixa classe, atraídas pelos camaradas (servidores livres) e pelos roceiros, que elas tentam pescar em suas redes.”

“Em S. Paulo não são encontrados negros…”. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo - Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, s/d, p. 180-181. Disponível em: < https://ia801407.us.archive.org/7/items/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft.pdf. >. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 3

Escrava a caminho do mercado com galinhas (A slave going to market with poultry). Rio de Janeiro, 1825, autor desconhecido. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: < http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon258062/icon258062.jpg > . Acesso em: 16 set. 2019.

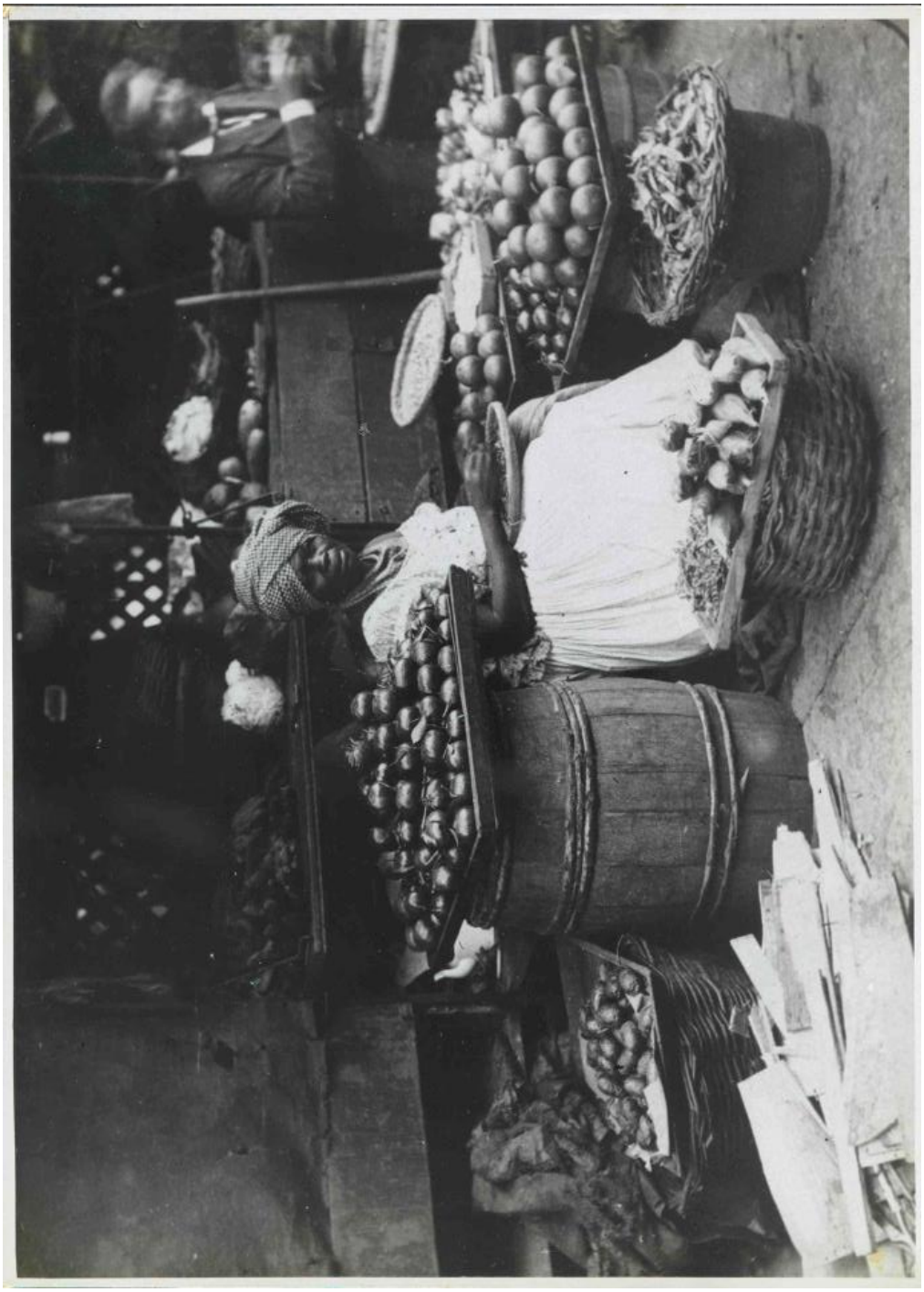
Documento 4

Vendedouras ambulantes. H. Lewis. Pernambuco, 1848. álbum “Vistas e costumes de Pernambuco”. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393042i27/icon393042i27.jpg >. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 5

Quitandeiras. Rio de Janeiro, 1875. Marc Ferrez. Brasiliana Fotográfica. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2043>. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 6

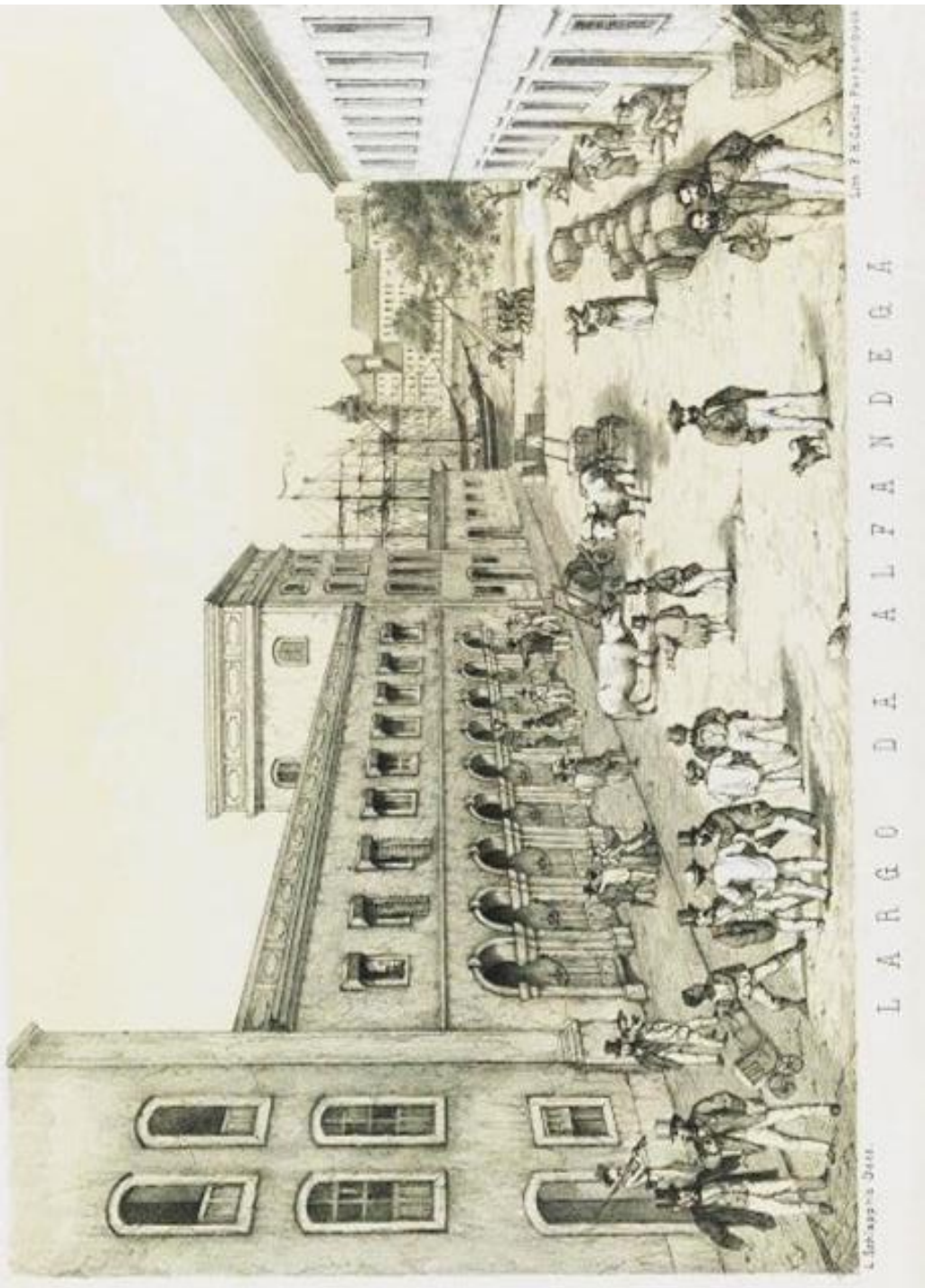


Vendedora ambulante, 1875. Marc Ferrez. 1843-1923. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1450895/icon1450895.jpg>. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 7

Quitandeira da Bahia. Rafael Castro y Ordoñez (1834-1865). 1862. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon21044/icon1018507.jpg>. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 8

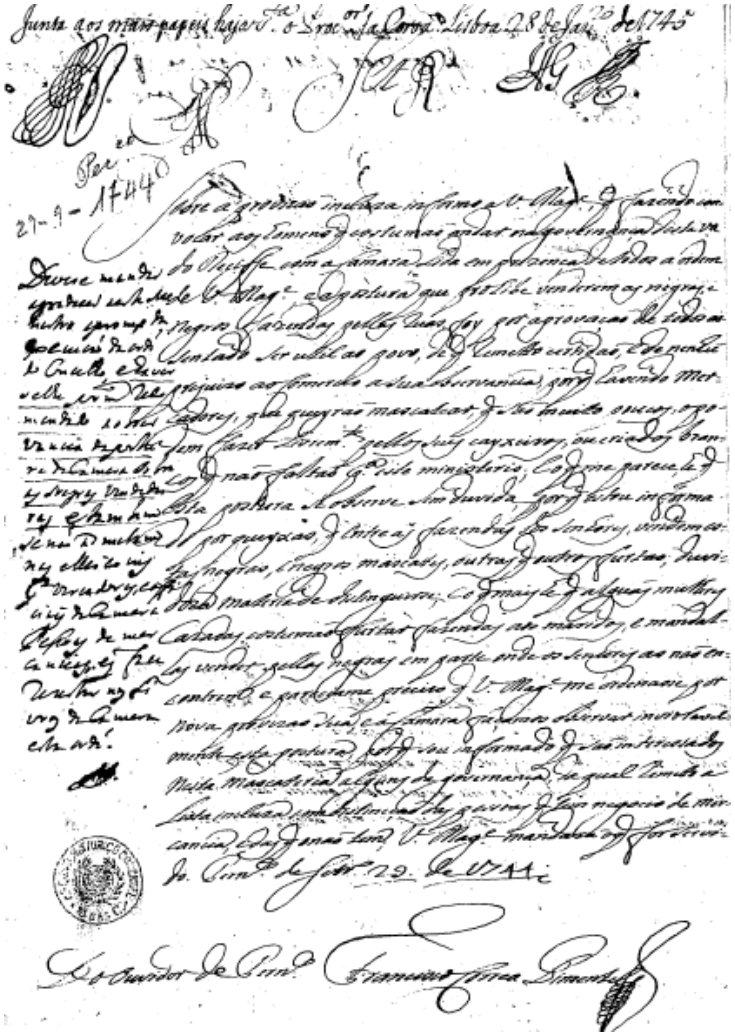


Largo da Alfandega. Luis Schlappriz. 1863-68. Cena de rua. Negros carregando mercadoria, sentados em banquinhos e negra vendedora. Senhores, casa da Alfândega. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon354215/icon354215.jpg>. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 9

"Uma das opiniões mais geralmente aceitas sobre a brasileira é que é preguiçosa e permanece ociosa o dia inteiro. Enganam-se. A brasileira não faz nada por si mesma, mas manda fazer; põe seu amor-próprio em jamais ser vista em uma ocupação qualquer. Porém, quando somos admitidos em sua intimidade, encontramo-la, de manhã, os pés nus em tamancos, um penhoar de musselina por toda vestimenta, presidindo a confecção dos doces, da cocada, arrumando-os no tabuleiro de suas negras ou de seus negros, que logo vão vender pela cidade os doces, as frutas ou os legumes da habitação. (...) Como dizia há pouco, uma brasileira coraria de ser surpreendida em uma ocupação qualquer, pois professam o mais profundo desprezo por tudo que trabalha. O orgulho do sul-americano é extremo. Todo mundo quer ser senhor; ninguém quer servir. Não se admite, no Brasil, outra profissão que não a médico, de advogado ou de negociante atacadista."

"Uma das opiniões mais geralmente aceitas...". TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara, 2003, p. 156 e p. 15



“Sobre a provisão inclusa, informo à Vossa Majestade de que fazendo convocar ao comércio que costumam andar na governança desta vara do Recife com a câmara, lida em presença de todos a ordem de Vossa Majestade e a postura que proíbe venderem as negras e negros fazendas pelas ruas. Foi por aprovação de todos atestada ser útil ao povo, de que remeto certidão, e de nenhum prejuízo ao comércio a sua observância, porque havendo mercadores que queiram mascatear, que são muito poucos, os podem fazer livres, pelos seus caixeiros, ou criados brancos que não faltam. (...) por que sou informado que são interessados nesta mascateria alguns da governação, da qual remeto a lista inclusa com distinção dos quais tem negócios de mercancia, e dos que não tem (...)”

Documento 10

CARTA do ouvidor-geral da capitania de Pernambuco - Francisco Correia Pimentel, ao [D. João V], sobre a postura pela qual se proíbe que negros e negras vendam fazendas pelas ruas. Arquivo Histórico Ultramarino. 5180- 1744, setembro, 29, Pernambuco. AHU_ACL_CU_015, Cx. 60. D. 5180. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/376577>. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 11

Termo de fiança que dá Maria escrava de Simão Alvres Pedroso.

Aos quatorze dias do mez de janeiro de mil e setecentos e trinta e tres annos nesta cidade de São Paulo e casas de morada de mim escrivão ao diante nomeado appareceu Simão Alvres Pedroso e por elle me foi dito que se vinha obrigar como fiador e principal pagador de sua escrava Maria para que esta possa amassar pão e vendel-o pelas ruas e quitanda desta cidade como com effeito se obrigou a pagar todas as condemnações que pelo Senado se fizer á dita sua escrava e de como assim se obrigou fiz este termo em que assignou e eu Manuel de Gusmão tabellião que á falta de escrivão da Camara o escrevi.

Simão Alvres Pedroso

Glossário:
Fiança: ajuda, adiantamento ou benefício em dinheiro.
Fiador: aquele que se obriga (a pagar) por outro.
Condenações: taxas, impostos, tributos.
Tabelião: Oficial público que faz e conserva as escrituras e outros documentos autênticos.

Termo de fiança. Registro Geral da Câmara da cidade de São Paulo. 1710 – 1734. Vol. IV. São Paulo: Arquivo Municipal de S. Paulo / Tipografia Piratininga, 1917, p. 559 e p. 560. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015068500019;view=1up;seq=560>. Acesso em: 16 set. 2019.

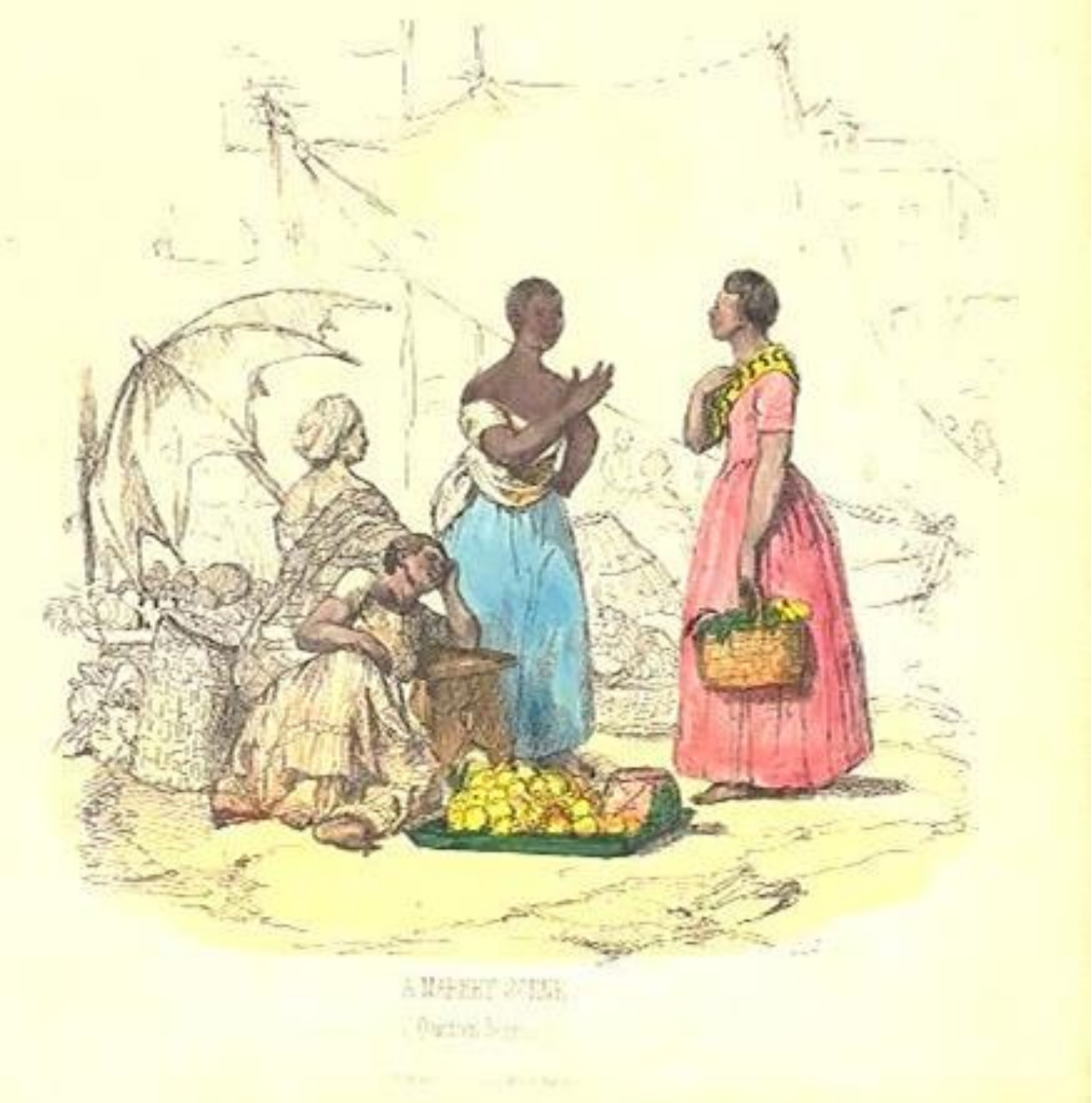
Documento 12

Negra com o filho, Salvador, em 1884 . Marc Ferrez. Brasiliana Fotográfica. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2566>. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 13

Negras vendedoras. Aquarela Carlos Julião. Rio de Janeiro, 1776. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon30306/icon30306_066.jpg>. Acesso em 16 set. 2019.

Documento 14



Quitandeira (a market scene), 1845. Frederico Guilherme Briggs. 1813-1870. Acervo Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon70370/icon70370_23.html>. Acesso em: 16 set. 2019.

Documento 15

Quitandeiras da Lapa, RJ, 1820. Henry Chamberlain (1796-1844). Aquarela. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Henry_Chamberlain_-_Quitandeiras_da_Lapa.jpg>. Acesso em: 16 set. 2019.